



INCLUIR PARA EXCLUIR: O USO DA LINGUAGEM PADRÃO E O DESAPARECIMENTO DOS SUJEITOS NA HISTÓRIA

Talia Gabrieli Fianco (apresentador)¹

Bruna Luísa Szast²

Fatima Aparecida Mendes dos Santos³

Thiago Ingrassia Pereira (orientador)⁴

Resumo: O presente trabalho tem por tema principal o uso da linguagem padrão como ferramenta que contribui com o desaparecimento e esquecimento dos sujeitos oprimidos social e historicamente. O objetivo dessa discussão é problematizar e tensionar o tradicional campo das linguagens, além de compreender quais relações de poder e interesse estão envolvidas no uso das palavras. Esse trabalho é resultado das leituras e debates realizados dentro de um bloco de estudos pelo grupo PET – Práxis Conexões de Saberes, que tinha como foco a relação do feminismo com a educação popular. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica realizada tem por base teórica a contribuição de duas referências: (1) a professora norte-americana bell hooks, por meio da análise do capítulo “A língua”, do seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*; (2) as professoras Amanda Motta Castro e Nivia Ivette Núñez de la Paz que são autoras do capítulo “O masculino não inclui o feminino! Linguagem inclusiva em debate” que integra o livro *Educação Popular em Debate*. Nesse sentido, compreende-se, por meio da análise dos argumentos, referências e questões levantadas dentro do grupo de estudos, que a linguagem padrão, dita tradicional, é usada em prol de determinados interesses por grupos

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* Erechim, bolsista do Grupo PET- Práxis Conexões de Saberes/FNDE, contato: taliagfianco@gmail.com

² Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Erechim, bolsista do Grupo PET- Práxis Conexões de Saberes/FNDE, contato: brunaluísa.szast@gmail.com

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Erechim, bolsista do Grupo PET- Práxis Conexões de Saberes/FNDE, contato: fatimatasc3@gmail.com.

⁴ Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Erechim e tutor do Grupo PET - Práxis Conexões de Saberes/FNDE, contato: thiago.ingrassia@gmail.com.



sociais específicos. Ela é excludente, marginaliza qualquer outra manifestação linguística, como o vernáculo negro, ao tratá-lo como idioma fora da lei ou fala dos renegados, e também quando faz crer que as mulheres estão “incluídas” na linguagem, afirmando que estas estão representadas nos plurais masculinos. Esse processo de “invisibilização” desses sujeitos periféricos (mulheres, negros e negras, indígenas) dos textos oficiais da história e da teoria social é proveniente de sua ausência, bem como de uma generalização que não considera sua presença. Conclui-se, assim, que é de máxima importância questionar o uso da linguagem padrão, percebida como “cultura” e “correta”, pois, de acordo com as referências estudadas, não representa as diferenças sociais relativas ao gênero e raça. Por fim, ao buscarmos uma linguagem inclusiva, nos associamos a um projeto de sociedade que visa enfrentar as assimetrias e opressões sociais.

Palavras-chave: Linguagem tradicional. Relações de poder. Diversidade. Linguagem inclusiva.

Categoria: Ensino

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Formato: Comunicação Oral